

RELIGIÃO, NAÇÃO E HISTÓRIA ANTIGA. UMA ABORDAGEM À OBRA DE AGUSTÍN RIVERA

Héctor A. Vega Rodríguez¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a produção de textos de Agustín Rivera sobre a antiguidade clássica na segunda metade do século XIX. A partir do estudo de sua vida, do contexto em que escreveu e da análise do conteúdo de suas obras sobre a história da Grécia e de Roma voltadas ao ensino, observamos que Rivera se preocupou em fornecer uma visão providencial interessada em identificar a veracidade dos fatos, bem como o papel dos heróis e a reflexão sobre a filosofia da história. Agustín Rivera propôs uma leitura política, religiosa e moral da história antiga. Nela, identificou o cenário para oferecer exemplos de vícios e virtudes com o objetivo de educar jovens aos quais a história seria útil para identificar a origem dos males políticos e morais e oferecer uma solução.

Palavras-chave

Agustín Rivera; Antiguidade; religião; nação; filosofia da história.

¹ Doutorando em Ciências da Antiguidade e Idade Média – Universidad Nacional Autónoma de México, Acatlán, México. E-mail: hector_avr@hotmail.com

Resumen

El objetivo del presente artículo es analizar la producción de textos de Agustín Rivera sobre la antigüedad clásica en la segunda mitad del siglo XIX. A partir del estudio de su vida, el contexto en el que escribió, y un análisis del contenido de sus obras sobre historia de Grecia y Roma enfocadas en la enseñanza, observamos que Rivera se preocupó por brindar una mirada providencial interesada en identificar la veracidad de los hechos, así como el papel de los héroes y la reflexión en torno a la filosofía de la historia. Agustín Rivera propuso una lectura política, religiosa y moral de la historia antigua. En ella identificó el escenario para ofrecer ejemplos de vicios y virtudes con el objetivo de educar a los jóvenes a quienes la historia les sería útil para identificar el origen de los males políticos y morales y ofrecer una solución.

Palabras clave

Agustín Rivera; Antigüedad; religión; nación; filosofía de la historia.

Introdução

No contexto político e social do México do século XIX, as obras com fins educativos que procuravam promover a formação cívica e moral dos cidadãos mexicanos recorreram a um discurso identitário centrado no conhecimento e na divulgação da história da nova nação e do resto do México. Dentro do amplo panorama histórico, a antiguidade clássica representou um ponto de interesse voltado para o conhecimento dos grandes heróis para acentuar tanto suas virtudes quanto as falhas em seu comportamento que causaram degradação moral e política.

Dentro deste amplo panorama, este estudo interessa-se em investigar a obra historiográfica de Agustín Rivera (1824-1916), que foi professor de História no Liceu de Lagos, sacerdote defensor do catolicismo e autor de mais de uma centena de textos sobre assuntos diferentes. A análise de sua produção de obras voltadas ao ensino de história permite identificar, por um lado, o papel que o discurso sobre a antiguidade clássica teve como forjador de uma identidade nacional e, por outro lado, a permanência do providencialismo como modelo explicativo cujo objetivo era estabelecer a ligação entre a história nacional, a história universal e a religião cristã.

Notas biográficas

Agustín Rivera y Sanromán nasceu em Lagos de Moreno, estado de Jalisco, em 1824, filho de Pedro Rivera, um soldado espanhol, e de Eustacia Sanromán. De 1834 a 1836, frequentou o Seminário Morelia onde estudou gramática espanhola e latina. Foi aluno de Clemente de Jesús Munguía, professor do Seminário Morelia. Além disso, teve como companheiro de quarto Pelagio Antonio de Labastida y Dávalos (Muñoz Moreno, 1906: 12)², um membro proeminente do partido conservador que se tornou arcebispo do México entre 1863 e 1891.

Seu professor, Clemente de Jesús Munguía, foi aluno e posteriormente reitor do Seminário Diocesano de Morelia, professor de latim e criador da cátedra de grego da referida instituição (Ortiz Dávila, 2014: 50). Teve sob sua tutela importantes figuras do conservadorismo mexicano como Ignacio Aguilar y Marocho, Miguel Martínez e Tirso Rafael de Córdoba.

² Labastida y Dávalos foi um importante membro do clero mexicano que, além de ter sido arcebispo do México entre 1863 e 1891, fez parte da Regência do Segundo Império Mexicano entre julho e novembro de 1863. Para um estudo completo da Igreja no México no período, incluindo o papel de Labastida y Dávalos, ver García Ugarte (2010).

Munguía defendia a subordinação da filosofia política à fé católica e defendeu os direitos e interesses da Igreja no México.³ O grupo participou ativamente de publicações doutrinárias como *La Voz de México* e *La Sociedad Católica*.

Rivera continuou seus estudos no Convento de La Merced de los Lagos e posteriormente mudou-se para o Seminário de Guadalajara. Em 1838, no referido Seminário, apresentou um exame de gramática onde traduziu “as Doze Orações Seleccionadas de Cícero, as 10 Éclogas, a 1ª e a 4ª das Geórgicas e os dois primeiros livros da Eneida de Virgílio; bem como a carta de Horácio aos Pisões” (Muñoz Moreno, 1906: 20). Também apresentou uma tradução improvisada de um parágrafo do terceiro discurso de Cícero contra Catilina. Além disso, estudou aritmética, geometria, geografia, física e astronomia.

Entre 1841 e 1843 permaneceu no Seminário e frequentou vários cursos de Direito. De 1844 a 1847 estudou Direito Teórico-Prático na Universidade e, em 1848, recebeu o título de advogado. No mesmo ano foi ordenado sacerdote e começou a lecionar no Seminário. Ele recebeu seu doutorado em direito civil em 1852. Entre 1851 e 1860 deu aulas de Direito Civil e Romano no Seminário e foi Promotor Fiscal da Cúria Eclesiástica de Guadalajara. O trabalho docente de Rivera começou em 1847 no Seminário da mesma cidade. Seu trabalho como professor foi muito importante e definiu um de seus interesses mais claros, que era produzir textos para o ensino. Teve muitos discípulos que mais tarde se destacaram na vida pública do país como Eduardo Pankhurst, governador de Zacatecas, José María Armas, cônego de Zacatecas e bispo de Tulancingo, Joaquín María Escoto, assessor do Conselho de Guerra que condenou Maximiliano à morte, Ignacio Silva, Carlos Rivas, Enrique Pazos, Diego Baz, advogados e deputados do Congresso da União, Emilio Del Castillo Negrete, historiador, entre outros.⁴

Após uma primeira visita à Cidade do México em 1853, viveu na capital entre 1860 e 1861. Em dezembro de 1866 viajou para a Europa onde

³ Palti reconhece em Munguía um importante estudioso da literatura clássica, mas também o responsável pela expansão do campo da discussão política no México do século XIX (2005: 276). A ideia geral de Munguía sobre as letras clássicas era que elas poderiam não apenas ser modelos de bom gosto, mas também uma fonte única de sabedoria humana e civil.

⁴ Na biografia escrita por Muñoz Moreno em 1906, que foi seu amigo íntimo e único herdeiro após sua morte, está incluída uma longa lista de discípulos de Rivera, organizados cronologicamente e de acordo com o campo ao qual se dedicaram (Muñoz Moreno, 1906: 40-42).

permaneceu até março de 1868, visitando França, Itália, Inglaterra e Bélgica. Durante a sua estadia em Roma visitou o Papa Pio IX.⁵ Ao retornar, lecionou história no Liceu do Padre Miguel Leandro Guerra até 1871 e, de 1869 a 1882, ocupou o cargo de capelão das freiras capuchinhas, ambos cargos em sua cidade natal, Lagos de Moreno.

Em 1869 foi inaugurado o Liceu para meninos do Padre Guerra, onde, durante dois anos, Rivera lecionou História, cujas aulas eram frequentadas não só pelos seus alunos, mas também pelos professores do ensino primário. Segundo o próprio Rivera, entre 1861 e 1866, alguns ex-colegas do Liceu criticaram-no pela dedicação à escrita e por não ter ascendido na carreira eclesiástica; mas que, a partir da década seguinte, uma vez publicados os seus *Compendios* de História da Grécia e de Roma, solicitaram a Guadalajara exemplares dos seus livros, que ele se recusou a enviar (Muñoz Moreno, 1906: 68-69).

Manteve contato com importantes membros do clero nacional como seu ex-companheiro Labastida y Dávalos e outras figuras notáveis como Ignacio Suárez Peredo, bispo de Veracruz, que chegou a lhe pedir para ser seu Provisor e Vigário Geral em 1887, ao qual nunca respondeu porque não estava interessado em interferir nas disputas políticas nem queria ser ridicularizado em Jalapa (Muñoz Moreno, 1906: 74-77). Segundo seu biógrafo, ele adorava a solidão, o estudo e a escrita e daí sua preferência por sua cidade natal, Lagos de Moreno, e não por grandes centros urbanos como a Cidade do México ou Guadalajara.

A Universidade Nacional, fundada em 1910, concedeu-lhe um doutoramento *honoris causa* em vida e foi convidado pela comissão encarregada das comemorações do centenário da independência a proferir o discurso fúnebre diante dos restos mortais dos heróis da guerra de 1810 no Palácio Nacional. Rivera mudou-se para o México para as comemorações onde foi muito bem recebido (Toro, 1917: 23-24).

Sua gradual precariedade econômica, causada pelos gastos com suprimentos para seu trabalho como escritor, fez dele beneficiário de uma pensão do governo mexicano presidido por Porfirio Díaz de 1901 a 1910 quando, devido à eclosão da Revolução Mexicana em novembro daquele

⁵ Segundo carta publicada por Rivera, ele solicitou uma audiência com o Papa, que lhe foi concedida durante sua visita a Roma. A data da reunião parece ter sido 13 de março de 1867. Ele tem uma opinião muito favorável do pontífice. Ele ressalta que lhe perguntou sobre o motivo de sua viagem à Europa e perguntou-lhe especificamente: O que [Benito] Juárez está fazendo? Ao que o Papa acrescentou: “Não se pode ter notícias exatas do México quando chegam pela América do Norte!” (Rivera, 1876: 30).

ano, foi retirada. Os últimos anos da sua vida foram passados na cidade de León, em circunstâncias economicamente complicadas. Ele morreu aos 92 anos em 6 de julho de 1916.

Agustín Rivera foi membro da Sociedade Mexicana de Geografia e Estatística e membro honorário da Sociedade Médica de Guadalajara (Iguíniz, 1917: 29).⁶ Seu trabalho teve muita influência em sua época. Segundo Alfonso Toro “combateu o fanatismo e as superstições populares e despertou o sentimento patriótico tanto na sua cidade natal [...] como em outros locais do país” (Toro, 1917: 24). A Biblioteca Pública e uma das principais ruas de Lagos de Moreno levam seu nome, um retrato dele foi colocado na Biblioteca Pública de Guadalajara e, em Chiapas, foi fundada uma sociedade literária chamada Agustín Rivera (Toro, 1917: 22-23). Guillermo Prieto o chamou de amigo “venerável e culto” (Prieto, 1906: 249) e Mariano Azuela, também natural de Lagos de Moreno, dedicou um estudo à vida e obra de Agustín Rivera (Azuela, 1942).

Divulgou seus trabalhos por meio do jornal, onde também foram localizadas listas de suas publicações e algumas transcrições. Também foi responsável pela divulgação e venda de seus textos, além de distribuir exemplares para amigos, instituições de ensino e bibliotecas. (Valle Lanten, 2004: LVII). Segundo Carbajal, Rivera construiu “a sua própria celebridade” sob a chancela de um trabalho patriótico e científico centrado na busca da verdade e “a sua presença nos jornais é antes um testemunho

⁶ A adesão a estas associações científicas torna necessária a inclusão de algumas breves notas. Rivera publicou sobre diversas áreas do conhecimento, mas seu interesse pela história perpassa todos os seus anos de produção. O caminho seguido pela história no México começou com a introdução da história científica europeia durante o século XIX (Pinal Rodríguez, 2016: 13). Se entendermos a historiografia como uma prática especializada e, portanto, típica dos profissionais, parece claro que encontramos um cultivo dela no período. Esses historiadores, que podemos chamar de profissionais, definem uma profissão a partir de seus praticantes, de suas práticas e da sociedade em que atuam, ou seja, a partir da formação de grupos de interação (Pinal Rodríguez, 2016: 20-21), trabalharam sob a proteção de associações científicas como a Sociedade Mexicana de Geografia e Estatística ou o Museu Nacional. Tanto neste como no Arquivo Geral da Nação existiam cargos governamentais associados à investigação histórica (Zermeño Padilla, 2010: 151-165). Podemos, então, falar de uma fase “pré-institucional”, mas profissional, do trabalho historiográfico no México entre 1850 e 1910. Uma obra representativa desta fase foi o *Diccionario Universal de Historia y de Geografía* (1853). É neste contexto que o estudo da história de Rivera pode ser inserido. Contudo, neste cenário intelectual, Rivera apresenta sintomas de interesses particulares que ficam evidentes em seu compromisso com o ensino e no impacto de seus textos em setores mais amplos da população, especialmente aqueles fora das elites, como será visto ao longo do presente estudo.

da secularização como um processo em que se abriu a possibilidade de questionar a autoridade tradicional do catolicismo, em benefício da autonomia de esferas como a política e a ciência” (Carbajal, 2022: 111-112). A imprensa e a divulgação pessoal da sua obra foram os mecanismos de divulgação das suas ideias.

Como membro do baixo clero — recordemos que serviu como capelão de freiras e de um padre e o que foi dito acima sobre as críticas que alguns personagens lhe fizeram por não ascender na hierarquia eclesiástica —, a sua obra foi elogiada não só pelo setor católico conservador, cujos membros foram alguns dos seus críticos mais importantes, mas também por aqueles que, em princípio, podem ter pertencido a um lado político liberal. Já se notou que Agustín Rivera participou nas comemorações do centenário da Independência elogiando a figura de Hidalgo, que, sem dúvida, admirava e considerava parte dos protagonistas da história nacional. Segundo Valle, através das dedicatórias de suas obras podemos perceber que o círculo de amigos de Rivera era muito amplo e vinha de todas as posições sociais, desde bispos e governadores, até comerciantes, advogados e cidadãos (Valle Ruiz, 1988: 35-36). A correspondência encontrada em seu arquivo permite-nos ampliar essa ideia, pois sabemos que muitos receberam exemplares de seus *Compendios* como presentes e os distribuíram ou demonstraram interesse em adquiri-los.⁷

O cenário político e religioso

O estado de Jalisco e a arquidiocese de Guadalajara foram dois espaços relevantes onde se evidenciava o clima de tensões políticas e religiosas antes e durante o Segundo Império e especialmente depois da restauração da República em 1867. O estado foi governado nas últimas décadas do século XIX por leais soldados porfiristas como Francisco Tolentino (1883-1887) e Ramón Corona (1887-1889). Condições semelhantes às do resto do país foram vividas ali durante o regime de Porfírio. Segundo Muria, em

⁷ No Catálogo do Arquivo de Agustín Rivera podem ser identificados os seguintes arquivos nos quais o autor ou seus remetentes confirmam ter recebido cópias de seus compêndios de história grega e romana: Arquivo Agustín Rivera Caixa 14 (Ms.R/3433), (Ms.R/3315), (Ms.R/3443), (Ms.R/3515), (Ms.R/3457), (Ms.R/3482); caixa 15 (Ms.R/3532), (Ms.R/3534), (Ms.R/3522), (Ms.R/3737), (Ms.R/3586), (Ms.R/3606), (Ms.R/3618); pasta 10 (Ms.R/2946); pasta 13 (Ms.R/3280), (Ms.R/3367), (Ms.R/3359). É importante acrescentar que, por se tratarem de obras volumosas em relação aos seus textos mais curtos, tendiam a ser mais caras. O *Compendio de historia romana*, em particular, duplicou o seu preço entre 1892 e 1903 (Carbajal, 2022: 107-108).

1895, Jalisco era o estado com maior mão de obra servil e, uma década antes, o total das fazendas da região estava nas mãos de 50 pessoas. (Muria, 1994: 124-132). No final do século, a política modernista do presidente chegou a Jalisco junto com a eletricidade, a iluminação pública e as linhas telefônicas.

A produção literária e historiográfica de Rivera está inserida em um momento de importante inovação cultural, especificamente no campo da literatura no estado após o surgimento de publicações como *La República Literaria*, *Flor de Lis*, *Jalisco Ilustrado* e *La Revista Ilustrada*. Destaca-se a presença de jornalistas, escritores e historiadores como Manuel Puga y Acal, Alberto Santoscoy, Manuel Cambre ou Luis Pérez Verdía tanto em Guadalajara como em Lagos de Moreno. (Valle Lanten, 2008: 27-29). Agustín Rivera estava inserido neste ambiente cultural e intelectual. Manteve correspondência com importantes figuras locais, conforme evidenciado na documentação de seu arquivo pessoal.

O trabalho sacerdotal de Rivera foi realizado na Arquidiocese de Guadalajara, região tradicionalmente católica e conservadora. Boa parte da vida de Rivera coincide com a gestão do arcebispo de Guadalajara Pedro Loza y Pardavé (1869-1898), que promoveu uma restauração religiosa e cultural através da educação. Loza incentivou os padres a estabelecerem escolas, especialmente para crianças indígenas. Em 1898 ele conseguiu ter 18 escolas paroquiais sob seu controle. Rivera compartilhou sua política voltada para a educação das crianças.

A disputa política ao longo do século XIX entre liberais e conservadores teve como um dos seus pontos nevrálgicos o debate sobre o poder da igreja. Os conservadores defenderam os direitos do clero dos ataques dos liberais, especialmente na crise causada pela Guerra da Reforma (1855-1857). Com a República Restaurada, após o fim do império de Maximiliano, a igreja estava em crise, havia perdido suas propriedades e muitos de seus líderes estavam no exílio. Sob o governo de Juárez (1867-1872) houve nova exclaustração e ocupação dos conventos. Entretanto, no clima de tolerância, a igreja passou por um processo de reorganização. Em outubro de 1870, o Congresso aprovou uma anistia contra os inimigos da República. Contudo, com Lerdo de Tejada no poder (1872-1876) foram aprovadas novas leis que limitavam o poder do clero, além de implementar a educação laica. A reação do clero foi imediata e o seu aborrecimento tornou-se evidente (Adame Goddard, 1981: 77-85). Neste clima de tensões políticas, chegou ao poder Porfirio Díaz que, em 1877, prometeu que a religião católica não seria perseguida e que um novo ambiente de

tolerância seria criado no país. Algumas publicações de importante circulação como *El Combate*, *El popular*, *El Imparcial* ou *El Siglo XIX* mantiveram os seus ataques ao clero (Valle Lanten, 2008: XXII).

Apesar das adversidades, a Igreja no México passou por um processo de reconstrução no último quartel do século XIX com a criação de novas ordens religiosas, congregações, bispados, a celebração de um novo Conselho Provincial e a conversão do Seminário Conciliar em Universidade Pontifícia. Em 1891, foi publicada na imprensa mexicana a encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, que, entre outras coisas, orientou o clero nacional para o interesse pelo problema social como um problema moral e religioso que poderia ser resolvido com a educação.⁸ Segundo Adame Goddard, de 1867 a 1892, os católicos mexicanos “lutaram para manter uma doutrina política inspirada nos princípios morais da Igreja Católica, essencialmente oposta à doutrina política liberal”; mas, de 1892 a 1914, “preocuparam-se em formar uma doutrina social que servisse para desenvolver e implementar um plano de reformas sociais que superasse as deficiências e vícios do sistema liberal” (Adame Goddard, 1981: 7).

A produção de Agustín Rivera atravessa os dois períodos. Na sua obra pode-se perceber a defesa de uma doutrina política moral católica e de uma visão providencial da história, ordenada sob os princípios de Deus e da Criação. Por outro lado, o seu interesse pela educação permite-lhe inserir-se na dinâmica católica preocupada com a formação de uma doutrina social que, por vezes, entrava em conflito com os interesses do clero. Na minha opinião, a ideia transversal na sua produção é a importância da educação sujeita aos princípios da religião. Em seus trabalhos sobre história antiga esta hipótese parece ser reafirmada.

Seu trabalho sobre a Antiguidade

Segundo a lista bibliográfica feita em 1917 por Juan Iguíniz nas publicações da Academia Mexicana de História, Agustín Rivera foi autor de 157 textos. Iguíniz classificou seu trabalho nas seguintes categorias: Obras gerais, filosofia, religião e teologia, sociologia, direito e educação, filologia, ciências aplicadas, arte, literatura. Em estudo posterior, Valle Ruiz (1988) refere a existência de 168 obras atribuídas a Rivera organizadas por temas:

⁸ Pela documentação de arquivo, sabemos que Rivera coletou informações relacionadas ao papado de Leão XIII, de quem parecia ter uma boa opinião. Arquivo Agustín Rivera Manuscritos e impressões muito importantes Volume 1 (Ms.R/Doc.7469-13), (Ms.R/Doc.7469-50); caixa 7 (Ms.R/Doc.1608), (Ms.R/Doc.1535).

a) religiosas: cartas, dissertações, comentários, histórico-religiosas, sermões, orações, poemas; b) secular: biografias, cartas, discursos, obras filosóficas, obras históricas, literatura geral (Valle Ruiz, 1988: 71-97). De acordo com Valle Lanten (2004: LXXXV-XCVI), somente entre 1889 e 1899, Rivera escreveu e/ou publicou 80 títulos, o que equivale a cerca de 50% de sua produção total naquele período de uma década. A variedade no número de títulos dos estudos revisados se deve a dois fatores, a inclusão de manuscritos inéditos e a contagem de cartas e sermões individualmente ou agrupados. De qualquer forma, não há nenhuma variação importante que impacte o estudo de sua produção na antiguidade clássica.

O interesse de Agustín Rivera pela história grega e romana não abrange toda a sua produção ao longo de uma prolífica carreira como escritor. Os seus textos mais importantes, ou seja, o *Compendio de Historia de Grecia* e o *Compendio de historia romana política y literária* juntamente com as suas *Cartas sobre Roma*, foram publicados entre 1869 e 1872, anos que coincidem com o seu regresso da viagem pela Europa entre 1866 e 1868, a qual parece ter motivado o seu interesse pelo estudo da antiguidade. Sabemos que esteve em Roma em 1867 graças às cartas que acompanham a edição do seu *Compendio*, cidade na qual afirma ter adquirido as *Vidas Paralelas* de Plutarco em latim.

Após uma revisão das propostas de classificação da obra de Rivera, foi possível identificar os seguintes títulos cujo conteúdo trata da história da antiguidade ou do cenário amplo dos estudos clássicos. Eles são apresentados cronologicamente. Vale esclarecer que apenas os dois compêndios se centram exclusivamente no tema, mas tangencialmente as demais obras referidas abordam problemas associados ao interesse pela história, literatura ou línguas clássicas. São dois compêndios, duas compilações de cartas, duas miscelâneas, duas dissertações e um ensaio.

1. *Cartas sobre Roma*, San Juan de los Lagos, Tipografía de Ruperto Martín, 1871. Ele visitou Roma na primavera de 1867. As cartas são endereçadas ao senhor Hilarión Romero Gil. Foram publicadas para servir de ilustração ao seu *Compendio de la historia romana*. Contém 23 cartas publicadas pela primeira vez em 1870 na *La Civilización* de Guadalajara e na *Revista Universal* do México. Há uma segunda edição de 1876 na editora Francisco Rodriguez.⁹

2. *Compendio de la historia romana, política y literaria*, San Juan de los Lagos, Tipografía de José Martín, 1872, 251 p. Publicado quando era

⁹ A edição consultada para este estudo foi a segunda, de 1876.

Professor no Liceu de Lagos para que pudesse servir aos seus discípulos como um texto curto e ao mesmo tempo completo.

3. *Compendio de la historia antigua de Grecia*, 2ª ed., San Juan de los Lagos, Tipografía de José Martín, 1874, 150 p. Escrito em 1869, quando era professor de História no Liceu de Lagos. A primeira edição não é conhecida. É dedicado à Sociedade Médica de Guadalajara para facilitar a aprendizagem de jovens e homens já formados.

4. *Cartas sobre el estudio de los clásicos paganos y clásicos cristianos entre Diez de Sollano, obispo de León de los Aldamas y Agustín Rivera*, México, Edición de la *Revista Universal*, 1873. Na correspondência, Sollano é contra o ensino dos clássicos e Rivera defende que é útil ensinar aos jovens “São Jerônimo, Prudêncio e outros santos padres e outros clássicos cristãos, e também Cícero, Virgílio, Horácio e outros clássicos pagãos com discernimento” (Iguíniz, 1916: 46).

5. *Pensamientos de Horacio sobre Moral, Literatura y Urbanidad, escogidos, traducidos al castellano, reunidos y anotados en 1873 por Agustín Rivera, individuo de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística y honorario de la Sociedad Médica de Guadalajara para el uso de los estudiantes del idioma latino y de los afectos a la bella literatura*, San Juan de Los Lagos, Tipografía de José Martín, 1874.

6. *Miscelánea Selecta, o sea colección de sentencias, trozos y noticias (geográficas, históricas, estadísticas, etc., sobre diversas materias: unas en latín y otros en castellano, unos en prosa y otros en verso; escogidos de muchos autores por Agustín Rivera. (Contém epígrafe de Isócrates)*, San Juan de los Lagos, Tipografía de José Martín, 1880.

7. *Ensayo sobre la enseñanza de los idiomas latino y griego y de las bellas artes por los clásicos paganos a los jóvenes y niños*, San Juan de Los Lagos, Tipografía de José Martín y Hermosillo, 1881. 231 p.

8. *Disertación ¿De qué sirve la filosofía a la mujer, los comerciantes, los artesanos y los indios?* (Contém epígrafe de Cícero), Lagos de Moreno, Ausencio López Arce impresor, 1893, 133p.

9. *Disertación histórica sobre la esclavitud en las naciones cristianas y especialmente sobre los sacerdotes esclavos*. Lagos de Moreno, 1894. 15f. manuscrito.

Sua visão da antiguidade

O interesse pela função didática da história se reflete em toda a produção de Rivera. Ele se concentrou na produção de textos voltados para os jovens e entendeu a história como o caminho para identificar as causas dos males e dar uma solução. Rivera transmitiu a visão da história de Cícero como testemunha imparcial e professor de vida. Como indicado em seu *Principios críticos sobre el Virreinato de la Nueve España y sobre la Revolución de Independencia*, é necessário estudar o passado para “remediar os profundos males presentes, fazer o país progredir e preparar-se para um futuro de verdadeira civilização e bem-estar social” (Rivera, 1888: 442-443). Ele afirma que muitos dos males mencionados se devem a maus governos, que podem ser encontrados de forma semelhante ao longo da história, não apenas no país, mas de forma universal. Portanto, a história deve recolher o que é útil para a população e para o desenvolvimento da nação. Em outro texto ele afirma que

É melhor ler história do que romances imorais e de mau gosto, a história é interessante, bela e útil, é verdadeira e nos ensina a conhecer o coração humano, a conhecer os perversos e suas intrigas para nos defendermos deles e sabermos como viver em sociedade [...] Os opressores do povo temem a história (Rivera, 1878: 99-100).¹⁰

Junto com o caráter didático da história, Rivera demonstrou ao longo de sua produção interesse pelo estudo crítico da história. Não esqueçamos que Rivera não escrevia “nem para os sábios nem para os ricos, mas para os da classe média e os da classe baixa que sabem ler e principalmente para os jovens” (Rivera, 1909: 2). O que precede não implica que tenha negligenciado a qualidade das suas publicações, apenas temos que ter em conta que se preocupou em que chegassem a um público vasto. Sabemos até que ele doou grande parte de seus livros e panfletos.

Podemos apontar quatro elementos que considero fazerem parte da sua proposta historiográfica e que se refletem na sua abordagem da história da antiguidade.

1. *Providencialismo e cronologia*. Nas considerações preliminares incluídas no *Compendio de historia de Grecia*, Rivera define a história como “a ciência que consiste na narração escrita de acontecimentos passados e importantes,

¹⁰ O *Compendio de la Historia Antigua de México desde los tiempos primitivos hasta el desembarco de Juan de Grijalva* foi um empreendimento muito importante em que Rivera embarcou. Porém, apenas o Volume I viu a luz do dia porque foi censurado pela Autoridade Eclesiástica de Guadalajara por decreto de 5 de abril de 1880, por conter vários pontos contrários aos dogmas e à moral católica.

(que) se baseia em princípios e consequências regulados e ordenados por Deus” (Rivera, 1874: 2). O cristianismo adquire um caráter civilizador provocado por Alexandre, o Grande ao “abrir o caminho para a Igreja civilizadora de Cristo” (Rivera, 1874: 112) e em outras passagens ele está convencido de que as façanhas de Alexandre são o cumprimento de profecias bíblicas (1874: 101; 1874: 103). Da mesma forma, em uma de suas dissertações sobre filosofia da história, frequentemente incorporadas à narrativa central, intitulada “preparação evangélica”, Rivera retoma da *Historia Ecclesiástica* de Eusébio a ideia de que, através do Espírito Santo, os povos pagãos se prepararam para receber o Evangelho. Ele defende que as doutrinas filosóficas gregas suscitaram, antes do nascimento de Jesus, as ideias que mais tarde fariam parte da essência do cristianismo, como a unidade de Deus, a igualdade social, a pobreza voluntária, a felicidade da virtude, o celibato e a vida comum (Rivera, 1874: 135). No caso romano, encontramos, por exemplo, que, para Rivera “os romanos eram homens de grande alma, aptos às heroicas virtudes cristãs até o martírio (Rivera, 1872: 64).¹¹ Ou seja, existe uma predisposição romana para que os primeiros mártires nasçam nas fileiras da sua sociedade.

A temporalidade histórica mostra-se sujeita a uma visão universalista e providencial. Rivera divide a história universal em Antiga, Média e Moderna. O Antigo divide-se em primitivo, que abrange desde a Criação até a torre de Babel, o que ele chama de “história comum das nações”; e na história dos descendentes de Sem, Cam e Jafé. A história dos descendentes de Noé inclui 12 períodos que vão desde a história dos medos até a história da América. A sexta parte da História do ramo Jafético corresponde à Grécia e a sétima, à Roma. Em geral segue as cronologias de São Jerônimo e Josefo. O 12º e último é o da América, especialmente do México. Divide a história da Grécia em duas partes. A primeira abrange os séculos 18 a 32 da história desde a Criação e inclui os primeiros colonizadores até os primeiros Jogos Olímpicos (776 a.C.). Refere-se à falta de certeza histórica sobre estes tempos. A segunda parte abrange os Jogos Olímpicos até a subjugação da Grécia por Roma no século II a.C. A primeira é guiada pelos séculos desde a Criação. A partir do século VIII, retoma a cronologia tradicional retirada de Vico.¹²

Ao contrário do *Compendio de historia de Grecia*, no compêndio de história romana não há nenhuma seção dedicada à cronologia detalhada,

¹¹ Ele aproveita para comparar Ápio Cláudio com Pio IX em referência a um discurso do Papa em 22 de fevereiro de 1871, no qual afirmou que fazer e sofrer coisas fortes é característico dos romanos.

¹² Também para o caso romano cita Vico como referência (Rivera, 1872: 30).

provavelmente porque a primeira edição do primeiro texto foi publicada anteriormente. Inclui uma seção sobre tempos pré-históricos e a história romana é dividida em três épocas: Reis, República e Imperadores. Como observado em outro lugar, “o fio condutor da história, desde os mais remotos até o continente americano, é o universalismo cristão” (Veja, 2023: 203).

Ele trata o resto das religiões não-cristãs como idolatrias que considera terem a mesma origem das mitologias. Para falar sobre as religiões grega e romana, acompanhe as histórias dos pais da igreja (Rivera, 1874: 29).

2. *Veracidade e autoridade da história*. Em seus *Pensamientos de Horacio* escritos em latim e espanhol, Agustín Rivera inclui o método que utilizou para a tradução para que qualquer pessoa que queira fazer sua própria tradução possa fazê-la e também ajudar os jovens mexicanos a “retificar seu julgamento sobre diversos assuntos” a partir de uma “coleção de sentenças morais, filhas da razão em sua maior potência, iluminadas pela revelação, que formarão o seu coração” (Rivera, 1874b: I). O exposto permite identificar dois elementos que andam de mãos dadas na produção do autor, a veracidade do que diz e a autoridade que atribui às suas fontes.

Lembremos que Rivera define a história como a ciência que consiste na narração de acontecimentos passados e importantes a partir de um conjunto de princípios e consequências (Rivera, 1874: 1). Ele considera que para que a história seja credível não deve ser escrita por simpatia ou ódio, ideia que afirma ter tirado de Cícero e Políbio (Rivera, 1909: 44-45). Quando se trata de Compêndios, tanto os da Grécia quanto os de Roma são exemplos úteis para observar a abordagem de Rivera à veracidade da história e sua abordagem às suas fontes. Sabemos que conhece o Compêndio de Fleury (Rivera, 1874: 2)¹³ que tomou como modelo e que, mais tarde, o próprio Rivera publicou um importante *Compendio de Historia Antigua de México* em 1878.

Segundo afirma o próprio autor, um Compêndio Histórico deve reunir as seguintes condições:

- a. Plano lógico que segue a simplicidade e a unidade exigidas por Horácio.

¹³ Este é o *Catecismo histórico que contiene en compendio la Historia Sagrada y la doctrina cristiana*, originalmente publicado em francês por Claude Fleury e traduzido para o espanhol por Frei Juan Iterian de Atala e publicado na editora de Joseph Doblado, em Madrid, em 1805.

b. Escolha dos autores: em termos de história não se pode inventar, mas todos trabalharam nos escritos dos anteriores. Ele afirma: “Tenho feito meus estudos principalmente nas *Vidas Paralelas* de Plutarco, em latim, que comprei em Roma e na *Historia Universal* de Cesare Cantú”. De fato, Plutarco e Cantú¹⁴ são as obras mais citadas nos *Compendios*. Junto com eles, ocupa lugar de destaque Feijoo, a quem admira profundamente e dedica um breve elogio em cada um dos compêndios (1874: 121; 1872: 184).¹⁵ Outro autor que aparece em menor proporção é Charles Rollin.¹⁶

c. Crítica: os autores não devem ser seguidos cegamente, mesmo que sejam grandes homens, mas aceitando alguns fatos como verdadeiros, alguns como prováveis e outros como duvidosos (Rivera, 1874: II-III). Das narrativas contrárias de dois historiadores, ele aceita uma e rejeita a outra de acordo com o lugar, o tempo e as paixões de cada um; escolhe a que lhe parece mais provável.

d. Integridade: relacionar todos os fatos importantes “os bons para imitar, os ruins para evitar”. Tomemos como exemplo Políbio, que critica tanto aqueles que contam falsidades quanto aqueles que escondem verdades.

e. Veracidade: identifica três tipos de fatos em termos de veracidade: certos, prováveis ou duvidosos.

f. Brevidade: dizer muito em poucas palavras.

g. Clareza: que o texto seja compreensível para todos, inclusive para as crianças das aldeias.

h. Filosofia: o que ele entende por filosofia da história, ou seja, explicar as causas e efeitos dos acontecimentos e “apresentar aos

¹⁴ Para o impacto da *Historia Universal* de Cesare Cantú na América Latina, ver Taboada (2020).

¹⁵ Benito Jerónimo Feijoo y Montenegro (1676-1764) foi uma figura proeminente do Iluminismo espanhol.

¹⁶ Esta é a obra *Historia antigua de los egipcios, de los sirios, de los babilonios, de los medos, y de los persas, de los macedonios, de los griegos, de los cartagineses y de los romanos* de Charles Rollin, um manual publicado entre 1730-1738 e traduzido para o espanhol entre 1755-1761. No México, a tradução do texto de Rollin feita por Francisco Xavier de Villanueva y Chavarri, Oficial da Secretaria da Nova Espanha, circulou pelo menos desde 1805 nas livrarias de Veracruz e da Cidade do México. Um estudo sobre as traduções do texto de Rollin em Medina Arjona E. (1999). Sobre el impacto de Rollin en América Graham (2020). Rivera menciona o texto em (1885: 34).

indivíduos e às nações, especialmente ao país, exemplos de verdades e erros, de virtudes e vícios, de bens e de males, mostrando o passado como regra do presente e argumento do futuro”. Este ponto é abordado separadamente no subtítulo 4.

i. Propriedade da linguagem: para que as regras gramaticais não sejam violadas

j. Eloquência séria e sentenciosa.

k. Estilo igual e sustentado do começo ao fim.

Como parte de sua busca pela verdade, Rivera dá importância à geografia, que ele chama de “a base da história” (1872: 1; 1874: 13) e inclui descrições físicas do espaço histórico.

Um exemplo pode ajudar a identificar como o autor procede no seu interesse em identificar a veracidade do fato histórico. Ao falar de Homero, rejeita que a poesia homérica tenha sido composta por diversos autores e afirma veementemente a existência do poeta e a autoria das obras. Diz que “na ordem lógica, a existência de Homero ou de Jesus Cristo é tão certa quanto a de Pio IX” e a respeito da transmissão oral das poesias e da rejeição que Homero as escreveu, afirma: “mas isso não é provável também.” já que a escrita alfabética precedeu Homero em muitos séculos¹⁷ e porque seus poemas “não puderam ser preservados fielmente pela tradição oral, muito menos pela tradição da plebe que tudo estraga e irregulariza” (Rivera, 1874: 46).

Como último elemento associado à procura de autoridade, sabemos que possuía uma importante biblioteca. Rafal Muñoz Moreno, seu amanuense e único herdeiro, recebeu sua biblioteca após a morte de Rivera. Foi uma segunda biblioteca que substituiu a primeira, vendida em 1859 para financiar a sua viagem à Europa. Segundo Muñoz Moreno, sua biblioteca guardava seus manuscritos, antiguidades, autógrafos e outras curiosidades em forma de pequeno museu.¹⁸ Desde 1922, o presidente Álvaro Obregón tentou adquirir a biblioteca através do seu secretário particular, Fernando Torreblanca. Foi finalmente vendida ao governo

¹⁷ Deve-se notar que, em um parágrafo acima, Rivera afirma que Homero viveu um século e meio após a queda de Tróia.

¹⁸ O Fundo Reservado da Biblioteca Nacional do México protege o *atálogo de los libros, manuscritos, pinturas, museo y muebles que fueron de la propiedad del extinto escritor público señor doctor don Agustín Rivera: i conservados en la casa que fuera su última habitación, ubicada en esta ciudad, Belizario Domínguez, Poniente 37*, publicado por Muñoz Moreno (1920).

mexicano em 1922.¹⁹ Tinha 1.484 títulos, 73 manuscritos e 5 gravuras de Rivera, 14 manuscritos de outros autores, 2 volumes de manuscritos e gravuras importantes, além de pinturas, gravuras, fotografias, moedas e móveis históricos. Em 1923, foi enviada para o acervo da Biblioteca Nacional (Valle Lanten, 2008: XLIV). Os textos mais citados e que o próprio Rivera afirma possuir já foram mencionados acima.

3. *Os heróis da história.* Rivera entende os heróis como pessoas que respondem a uma situação social. Quando surge uma necessidade social urgente, surge um grande homem, filho das circunstâncias, para satisfazê-la (Rivera, 1903: 2-3). Rivera dedicou obras a heróis nacionais e locais, bem como a grandes homens da história europeia.²⁰ Segundo o autor, os heróis surgem de três causas fundamentais: o talento e as aptidões para com o ser social, auxiliados pela graça de Deus (vocação), o meio social em que vive o homem e a Fortuna, no sentido romano da palavra, que Rivera interpreta como eventos que parecem ser coincidentes (Valle Ruiz, 1988: 25).

Na história da Grécia, ele identifica os professores e modelos na maioria dos ramos do conhecimento humano. Ele lista os principais de cada ramo do conhecimento e destaca Heródoto, Tucídides, Xenofonte e Políbio como historiadores (Rivera, 1874: I). Ele considera a filosofia e os sistemas republicanos modernos uma reformulação dos gregos. Os Compêndios são organizados para destacar as ações dos personagens principais. No caso grego, desde a Guerra de Tróia, a narração é feita a partir dos protagonistas da história (Rivera, 1874: 29), acompanhados de breves capítulos temáticos. Além de políticos, Rivera se interessa por escritores, filósofos e homens da ciência. Para o caso romano, são incorporados mais capítulos temático-cronológicos, mas os grandes heróis ainda têm lugar de destaque.

O autor utiliza a comparação como recurso explicativo para captar uma ideia central em que dois indivíduos, apesar da distância e do tempo, podem ser comparáveis. Destaco o paralelismo que inclui entre São Francisco de Assis e Licurgo. O autor afirma que

¹⁹ Valle Lanten coleta, por meio da documentação contida no Arquivo Geral da Nação, a história do processo de compra da biblioteca Rivera (2004: XLI-XLIV).

²⁰ Por exemplo, em 1864, ele publicou um *Cuadro sinóptico de los hombres y hechos más importantes de la historia moderna*. Em 1875, escreveu um catálogo dos padres do Seminário Conciliar de Guadalajara e, em 1897, um catálogo dos professores de Filosofia do mesmo Seminário. Da mesma forma, interessou-se por figuras da independência como Pedro Moreno, nascido em Lagos de Moreno, e Miguel Hidalgo (Iguíniz, 1917: 64-81).

Não deveria parecer estranho que o grande legislador São Francisco de Assis tenha imposto práticas tão austeras aos seus jovens monges (aquelas estabelecidas por Licurgo em Esparta), porque os educou para missões, especialmente em países gentios. A civilização do México se deve a esta educação severa (Rivera, 1874: 52).

4. *A filosofia da história.* Segundo Rivera, a história tem um componente filosófico que desvenda a mensagem profunda dos acontecimentos históricos, aplicando-lhes as regras da crítica.

É sabido que a ciência da história é composta por duas partes, a saber: a história em sentido estrito, que consiste na narração dos fatos, e a filosofia da história, que consiste na discussão dos fatos, nas apreciações, na crítica dos fatos, no conhecimento das causas e efeitos de cada fato na ordem social (Rivera, 1910: 3-4).

Por isso, inclui, por um lado, uma reflexão sobre a filosofia da história no início do *Compendio de historia de Grecia* e, por outro lado, breves anotações sobre o assunto ao longo dos textos tanto deste como do *Compendio de historia romana*. Nestes espaços, há espaço para reflexão e crítica dos acontecimentos anteriormente narrados.

No caso da história grega, ele utiliza esse recurso para explicar os fatos abaixo: a) Causas pelas quais poucos gregos derrotaram muitos persas: estes últimos lutaram por obediência a um déspota e por ganância de saque e os primeiros em defesa da pátria; além disso, os gregos da Ásia eram menos corajosos que os da Europa (Rivera, 1874: 73). b) Hipócrates e Jesus: Ele rejeita que o primeiro tivesse poderes curativos (Rivera, 1874: 88-89). c) Ensinar antes de Jesus: para ele, Jesus foi o inventor da educação pública, ao contrário da natureza privada da educação na Grécia (Rivera, 1874: 95). d) Digressões sobre Alexandre: usa-o como exemplo da utilidade de um bom professor, e inclui um julgamento crítico do seu papel histórico. É ele quem mais dedica reflexões de caráter moral e uma segunda digressão como a inicial sobre a filosofia da história após a narração da morte do rei macedônio (Rivera, 1874: 108-111). e) Absorção de uma nação por outra: o argumento é que a Grécia era uma sociedade desorganizada e moribunda no século I a.C., enquanto Roma transbordava de vida e poder. Rivera afirma que se trata de uma “lógica política na marcha da raça humana a absorção da Grécia por Roma” (Rivera, 1874: 137).

Para a história romana, suas digressões sobre a filosofia da história são mais abundantes. No total, em 20 ocasiões o autor considera necessário inserir um elemento explicativo ou comparativo para dar sentido ao acontecimento histórico narrado. De acordo com o conteúdo podemos

dividi-los em 3 tipos: políticos/morais (Rivera, 1872: 22, 24, 30, 32, 36, 44, 59, 95, 125), comparativos (Rivera, 1872: 15, 34, 64, 101, 163, 217) e julgamentos críticos de personagens (Rivera, 1872: 78, 134, 147, 170, 225). Considerando o exposto, podemos perceber que as comparações são encontradas ao longo de todo o *Compendio de la historia romana*, enquanto ele está mais interessado na política romana nas duas etapas iniciais e nos julgamentos sobre os personagens imperiais em relação à filosofia da história.

Refiro-me a algumas destas digressões que considero representativas do total. Rivera compara a legislação romana e o evangelho em dois sentidos: no que se refere à sociedade conjugal e à sociedade paterna. Em ambos os casos, o autor considera que o catolicismo representa maiores liberdades para mulheres e homens do que a legislação romana (Rivera, 1872: 15). Ao abordar a questão da representação nacional em Roma, aproveita para explicar a sua posição em relação ao governo moderno. Para ele, a diversidade da população é algo negativo. Os romanos entenderam que

um ser que tem cabeça de espécie diferente, que o corpo é um monstro que não pode ser substituído e que em uma nação é necessário que os diversos povos que a compõem tenham seus representantes no governo, que reconheçam suas respectivas necessidades, que eles deem testemunho deles e os sustentem. Uma lei exclusivamente latina teria entrado em conflito com as leis e costumes sabinos (Rivera, 1872: 24).

Outra comparação de especial interesse é encontrada na seção sobre Nero. Nela, Rivera interpreta que a chave para que um indivíduo seja útil à sociedade está na educação:

Se Nero tivesse nascido no cristianismo e tivesse sido criado por uma mãe como Santa Mônica e tivesse sido educado pelos filhos de Inácio de Loyola, estes teriam dominado as suas paixões e explorado os seus talentos e ele teria sido um homem muito útil para sociedade. E se Santo Agostinho tivesse nascido na Roma do tempo de Nero e tivesse sido criado por Agripina, teria sido um imperador semelhante a Nero (Rivera, 1872: 163-164).

Suas ideias associadas à importância da educação e do meio ambiente para a geração de grandes homens reaparecem.

Por fim, em seu julgamento crítico sobre Constantino, o autor elogia suas características como governante e em particular a fundação de Constantinopla, mas critica fortemente o fato de o imperador romano ter oscilado toda a sua vida entre o cristianismo e o paganismo e de ter participado das crenças de ambas as religiões (Rivera, 1872: 225-228).

Para Rivera existe uma estreita ligação entre toda a história, uma vez que exemplos semelhantes são encontrados em distâncias longínquas e em tempos remotos e próximos. Destaca-se o interesse pelos governos do passado e presente como os de Moisés e Salomão, às repúblicas modernas. Recorre constantemente a diferentes épocas históricas nas quais encontra paralelos úteis, por exemplo, entre os tempos de Napoleão I e as conquistas de Alexandre, o Grande (Rivera, 1874: 106) ou entre as campanhas de Napoleão III e as de Júlio César (Rivera, 1872: 114), entre muitos outros.

Rivera expõe a ideia de que as formas de governo mais bem alcançadas são aquelas que se limitam no espaço governado. Da mesma forma, parece ter presente o caráter diverso e heterogêneo da população nacional que serve de espaço para criticar a falta de unidade em um território tão extenso. Em tom semelhante, no *Compendio de Historia de Grecia*, o autor aponta que a falta de unidade pode ser um fator disruptivo que provoca a queda dos governos e a má organização das cidades. Refere-se em particular ao caráter heterogêneo do império de Alexandre da Macedônia (Rivera, 1874: 105-106).²¹ Quanto ao caso mexicano, identifica na Guerra da Independência o início da história nacional que tem uma estreita ligação com o governo de Porfirio Díaz, face a um “atraso” geral na era colonial (Rivera, 1887: 12).²²

Encerro a seção com uma nota sobre seu manuscrito *Disertación histórica sobre la esclavitud en las naciones cristianas y especialmente sobre los sacerdotes esclavos* de 1894. Nele, Rivera define a escravidão como uma instituição civil que transforma o homem em animal e que existe desde as primeiras sociedades humanas até os dias de hoje. Afirma que, em Roma, o senhor tinha direito de vida e de morte sobre o seu escravo que caísse nessa condição por nascimento, cativo, venda ou infração. O argumento é usado para explicar que a escravidão está associada às nações gentias, pois conhece nações gentias onde havia sacerdotes escravos cujos senhores pertenciam a outra religião, mas não nações gentias onde havia sacerdotes escravos que eram da mesma religião de seus senhores. Acrescenta que a escravidão entre os hebreus era menos violenta do que nas nações gentias porque havia uma série de leis que limitavam os direitos do senhor, como a proibição de assassiná-los. Ele descreve como barbaridades as opiniões

²¹ Em outro espaço, estudei a proposta de Rivera especificamente sobre Alexandre, o Grande (Veja, 2023: 202-208).

²² Rivera critica o atraso do período da Nova Espanha e está mais interessado na história do México independente. O autor esteve envolvido em diversas polêmicas com membros do clero sobre algumas posições relativas ao papel da igreja na história nacional. Uma muito importante foi a estabelecida com Agustín de la Rosa, Cônego Honorário da Catedral de Guadalajara e à qual alude o texto referenciado.

expressadas por egípcios, gregos, romanos e judeus a respeito da escravidão antes da chegada de Jesus.²³

Conclusões

As obras de Agustín Rivera sobre a antiguidade clássica foram enquadradas pelo seu interesse principal em formar jovens de amplos setores sociais, aos quais a história seria útil para identificar a origem dos males políticos e morais e oferecer uma solução. Através de uma releitura da visão ciceroniana da história, o autor dedicou seus esforços a enfatizar o caráter didático da disciplina, não sem deixar de abordar a necessidade de uma filosofia da história que servisse de quadro explicativo para os acontecimentos históricos isolados.

Rivera escolheu o caminho da produção textual para buscar remediar males presentes, muitos dos quais tinham raízes históricas, como o atraso nas questões filosóficas ou os efervescentes debates políticos ao longo do século XIX. Ele estava interessado no progresso do país sob a ideia de civilização, bem-estar social e moral católica.

A sua formação como membro do clero tornou-o conhecedor do latim, o que o aproximou do estudo das fontes e da história do mundo antigo onde aplicou a sua filosofia da história baseada em conjuntos de princípios e consequências que o levaram a confirmar a visão de uma história linear de toda a raça humana sob uma lógica que explica a ascensão e queda dos poderes políticos, bem como a absorção da Grécia por Roma e a relação entre o passado e o presente.

A história antiga serviu de cenário a Rivera para captar exemplos de vícios e virtudes a evitar ou imitar, uma vez que maus governos podem ser encontrados ao longo da história. No final das contas, toda a história está ligada, inclusive a do continente americano e, em particular, a do México, sob o abrigo do universalismo cristão. Nesse sentido, o seu interesse pela antiguidade clássica era secundário em relação ao seu gosto pela história nacional que, sob o seu olhar, podia ser sintetizada na presença de heróis que moldaram o presente com as suas ações. Desdenhava o passado colonial e considerava que a história do México começou com a independência. A juventude mexicana poderia aprender valores úteis para

²³ O manuscrito pode ser consultado no arquivo de Agustín Rivera (caixa 2 Ms.R / doc.55 16f).

a nação a partir do conhecimento da antiguidade e identificar que a vontade de Cristo pode ser observada ao longo da história da raça humana.

Referências bibliográficas

ADAME GODDARD, Jorge. *El pensamiento político y social de los católicos mexicanos 1867-1914*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1981, 273p.

AZUELA, Mariano. *El padre don Agustín Rivera*. México: Botas, 1942, 127p.

CARBAJAL LÓPEZ, David. *Usurae in calamo. Agustín Rivera entre libros y periódicos, 1870-1910. Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, n. 63, 2022: 91-115.

GARCIA UGARTE, Marta Eugenia. *Poder político y religioso México siglo XIX*. México: Universidad Nacional Autónoma de México / Miguel Ángel Porrúa, 2010, 918p.

GRAHAM, Mark. Charles Rollin and Universal History in America. *Modern Intellectual History*. Cambridge: Cambridge University Press, vol.17, num.2, 2020: 325-355.

IGUÍNIZ, Juan. *Bibliografía del señor presbítero don Agustín Rivera y Sanromán*. México: Publicaciones de la Academia Mexicana de la Historia, 1917, 87p.

MEDINA ARJONA, Encarnación. Las traducciones de Charles Rollin y su lugar en la bibliografía pedagógica española del siglo XVIII. En: LAFARGA, Francisco (ed.). *La traducción en España (1750-1830). Lengua, literatura, cultura*. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 1999: 233-242.

MUÑOZ MORENO, Rafael. *Rasgos biográficos del Sr. Dr. D. Agustín Rivera y Sanromán*. Lagos de Moreno: Imprenta López Arce, 1906, 80p.

MUÑOZ MORENO, Rafael, *Catálogo de los libros, manuscritos, pinturas, museo y muebles que fueron de la propiedad del extinto escritor público señor doctor don Agustín Rivera: i conservados en la casa que fuera su última habitación, ubicada en esta ciudad, Belizario Domínguez, Poniente 37*. León de los Aldamas: Rafael Muñoz Moreno, 1920, 58p.

MURIA, José. *Breve historia de Jalisco*. México: El Colegio de México, 1994, 218p.

ORTÍZ DÁVILA, Juan Pablo. El humanismo conservador: letras clásicas y política a mediados del siglo XIX. *Signos históricos*. México: Universidad Autónoma Metropolitana México, vol.6, num.31, 2014: 38-87.

PALTI, Elías. *La invención de una legitimidad. Razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX (un estudio sobre las formas del discurso político)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005, 544p.

PINAL RODRÍGUEZ, Karla. *Vivir para historiar, historiar para vivir. La profesionalización de la historia antigua en México: Una propuesta revisionista (1850-1950)*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2016, 334p.

PRIETO, Guillermo. *Memorias de mis tiempos*. México y París: Librería de la viuda de C. Bouret, 1906, 380p.

RIVERA, Agustín. *Compendio de la historia romana, política y literaria*. San Juan de los Lagos: Tipografía de José Martín, 1872, 251p.

RIVERA, Agustín. *Cartas sobre el estudio de los clásicos paganos y clásicos cristianos entre Diez de Sollano, obispo de León de los Aldamas y Agustín Rivera*. México: Edición de la Revista Universal, 1873, 31p.

RIVERA, Agustín. *Compendio de la historia antigua de Grecia*, 2ª ed., San Juan de los Lagos: Tipografía de José Martín, 1874, 150p.

RIVERA, Agustín. *Pensamientos de Horacio sobre Moral, Literatura y Urbanidad, escogidos, traducidos al castellano, reunidos y anotados en 1873 por Agustín Rivera, individuo de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística y honorario de la Sociedad Médica de Guadalajara para el uso de los estudiantes del idioma latino y de los afectos a la bella literatura*. San Juan de Los Lagos: Tipografía de José Martín, 1874b, 62p.

RIVERA, Agustín. *Cartas sobre Roma, visitada en la primavera de 1867 por el Dr. D. Agustín Rivera dirigidas por el mismo de Lagos a Guadalajara en 1870 y 1871 a su condiscípulo y amigo el Sr. Lic. Hilarión Romero Gil, y publicadas por el autor para servir de ilustración a su Compendio de la historia romana*. 2ª edición. San Juan de los Lagos: Imprenta de Francisco Rodríguez, 1876, 170p.

RIVERA, Agustín. *Compendio de la Historia Antigua de México desde los tiempos primitivos hasta el desembarco de Juan de Grijalva*. San Juan de los Lagos: Tipografía de José Martín, 1878, 477p.

RIVERA, Agustín. *Miscelánea Selecta, o sea colección de sentencias, trozos y noticias (geográficas, históricas, estadísticas, etc., sobre diversas materias: unas en latín y otros en castellano, unos en prosa y otros en verso; escogidos de muchos autores por Agustín Rivera*. San Juan de los Lagos, Tipografía de José Martín, 1880, 193p.

RIVERA, Agustín. *Ensayo sobre la enseñanza de los idiomas latino y griego y de las bellas artes por los clásicos paganos a los jóvenes y niños*. San Juan de Los Lagos: Tipografía de José Martín y Hermosillo, 1881, 231p.

RIVERA, Agustín. *La Filosofía en la Nueva España, o sea Disertación sobre el atraso de la Nueva España en las Ciencias Filosóficas*. San Juan de los Lagos: Tipografía de Vicente Veloz a cargo de A. López Arce, 1885, 1402p.

RIVERA, Agustín. *Treinta sofismas i un buen argumento el Sr. Doctor D. Agustín de la Rosa, Canónigo Honorario de la Catedral de Guadalajara, al impugnar el Libro "La Filosofía en la Nueva España en su periódico "La Religión y la Sociedad."* Opúsculo de polémica escrito en Lagos por Agustín Rivera, autor de dicho libro. San Juan de los Lagos: Tipografía de A. López Arce, 1887, 210p.

RIVERA, Agustín. *Principios críticos sobre el Virreinato de la Nueva España y sobre la Revolución de Independencia*. 3 tomos. San Juan de los Lagos: Imprenta de Vicente Veloz, 1888, 1058p.

RIVERA, Agustín. *¿De qué sirve la filosofía a la mujer, los comerciantes, los artesanos y los indios?* Lagos de Moreno: Ausencio López Arce impresor, 1893, 133p.

RIVERA, Agustín. *Discurso pronunciado por Agustín Rivera en la fiesta en honor del héroe de la patria, Pedro Moreno, celebrada en Lagos de Moreno el 27 de octubre de 1903*. Lagos de Moreno: Imprenta López Arce, 1903, 6p.

RIVERA, Agustín. *Fray Melchor de Talamantes i Don Fray Bernardo del Espíritu Santo, o sean Las Ciencias en la época colonial y defensa que el autor de este folleto Dr. D. Agustín Rivera hace de sus escritos*. Lagos de Moreno: Imprenta de la viuda e hijos López Arce, 1909, 50p.

RIVERA, Agustín. *Anales de la vida del Padre de la Patria Miguel Hidalgo i Costilla, escritos por Agustín Rivera para contribuir a la celebración del*

Centenario del Grito de Independencia. 5ª edición. León de los Aldamas: Imprenta de Leopoldo López, 1910, 143p.

ROLLIN, Charles. *Historia antigua de los egipcios, de los sirios, de los babilonios, de los medos, y de los persas, de los macedonios, de los griegos, de los cartagineses y de los romanos*. Compuesta y reducida a una por Don Francisco Javier de Villanueva y Chavarri, oficial de la Secretaría de la Nueva España, de las dos que separadamente escribió Mr. Rollin, Madrid, Oficina de Joseph Rico, 1755.

TABOADA, Hernán. La Historia Universal de Cesare Cantú en América Latina. *História da Historiografia*. Sociedade Brasileira da Teoria e História da Historiografia, vol.13, num.33, 2020: 341-374.

TORO, Alfonso. *El Dr. Dn. Agustín Rivera y Sanromán*. México: Publicaciones de la Academia Mexicana de la Historia, 1917, 25p.

VALLE LANTEN, Javier. *Catálogo del archivo personal de Agustín Rivera y Sanromán 1889-1899*. Tesis de licenciatura, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

VALLE RUIZ, Jorge. *Conceptos historiográficos en la obra del Dr. Agustín Rivera y Sanromán*. Tesis de maestría, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional, Autónoma de México, 1988.

VEGA RODRÍGUEZ, Héctor. Entre humanismo, republicanismo y religión. Miradas mexicanas sobre Alejandro Magno (1770-1870). En: LAGOS, Leslie (ed.) *Alejandro Magno. Propuestas de estudio, investigación y reflexión*. Chile: Editorial GEIMA Ediciones, 2023, 179-214.

ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. *La cultura moderna de la historia. Una aproximación teórica e historiográfica*. México: El Colegio de México, 2010, 246p.